



AFETOS NÁUFRAGOS: RUPTURAS HOMOERÓTICAS E ELABORAÇÕES POÉTICAS

Fabio Gustavo Romero Simeão (UFPB)¹

Hermano de França Rodrigues (UFPB)²

Resumo: Alicerçado nos construtos teóricos da psicanálise kleiniana, o presente trabalho visa examinar um recorte narrativo do romance *Um Estranho em Mim* (2008), do paraibano Marcos Lacerda. Destinado a exposição de uma trama onírica, de onde emergem significantes capazes de desvelar faces ocultas da personagem principal, sobretudo quando o enigmático faz ressoar o sexual e seus desdobramentos. Pretendemos, de igual modo, analisar os conflitos que marcam a passagem da infância à vida adulta e as ambivalências que recaem sobre o sujeito que sofre com o abandono (total ou parcial) do seu objeto de amor primeiro – os próprios pais.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Angústia.


Introdução

Desde o berço da ciência psicanalítica, várias figuras entraram em contato e contribuíram para a continuidade do pensamento freudiano. Decerto, uma das mais emblemáticas foi Melanie Klein (1882 - 1960). Durante a primeira metade do séc. XX, em meio às convulsões sociais que assolavam o continente europeu, liderou um dos grupos mais influentes da Escola Britânica de Psicanálise. Ali, revolucionou para sempre a análise de crianças ao descobrir o mundo interno do bebê, tão violento e destrutivo. Um dos conceitos mais importantes e que atravessa toda sua produção teórica é o de fantasia inconsciente, que Klein entende como sendo a representação mental das pulsões – de vida ou de morte. Âmago de todo processo mental, dos mais simples aos mais complexos, é através dela que damos sentido ao mundo real.

Nosso trabalho, alicerçado nos constructos teóricos da psicanálise kleiniana, debruça-se na história de Eduardo, personagem principal do romance *Um Estranho em Mim* (2008), do escritor paraibano Marcos Lacerda. Especificamente, procuramos elucidar os mecanismos de defesa subjacentes a um pesadelo que Eduardo relata ter sido recorrente durante sua infância num bairro periférico de Salvador. Eduardo, imerso num

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail para contato: <fabiogustavor@gmail.com>

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orientador do presente trabalho. E-mail para contato: <hermanorg@gmail.com>




ambiente extremamente hostil e perdido numa “guerra de mulheres”, recria seu sofrimento num pesadelo, tentando dar sentido a seus medos mais íntimos. Destarte, dividimos nossa discussão em três momentos: primeiro, discorreremos brevemente sobre o conceito de fantasia inconsciente e a importância do mesmo para o pensamento kleiniano. Em seguida, apresentamos as relações entre angústia e fantasia inconsciente, procurando explicitar como a primeira influencia diretamente a segunda. Por fim, recorreremos ao texto literário para encontrar os representantes psíquicos do sofrimento e desamparo que marcaram toda a infância de Eduardo que, abandonado simbolicamente pela mãe, desaba em desespero.

Sobre as fantasias inconscientes

Ao debruçar-se sobre os processos mais arcaicos da vida psíquica humana, Melanie Klein desenvolveu alguns conceitos, de extrema relevância, para os estudos psicanalíticos, especialmente para a análise de crianças. Na sua tentativa de compreender o – até então obscuro – mundo interno do infante, constatou a importância e a amplitude das fantasias inconscientes e sua influência em todo processo mental. Se, em Freud, as fantasias diziam respeito apenas à satisfação ilusória de desejos inconscientes e compareciam não no nascimento, mas num momento mais tardio, em Klein, elas assumem um patamar distinto; existem desde o primeiro momento de vida e passam a ser o núcleo de toda atividade psíquica, das formas mais simples às mais complexas.

Para Klein, o impacto da realidade causado pelo trauma do nascimento, coloca o bebê frente às pulsões de vida e morte – anteriormente adormecidas num hipotético equilíbrio. Essas pulsões serão representadas e experienciadas mentalmente por um *ego rudimentar*³ através de fantasias inconscientes. No seu artigo *On the Nature and Function of Phantasy* (1952), Susan Isaacs, uma das mais influentes seguidoras de Klein, procura articular certas considerações freudianas acerca das pulsões com o conceito kleiniano de fantasia, definindo este último como:

³ Diferente de Freud, que colocava o surgimento do ego numa fase posterior do desenvolvimento, Melanie Klein concebia a existência de um ego arcaico desde o momento do nascimento. A função do mesmo seria dominar angústias provenientes da influência da pulsão de morte sobre o organismo, através de fantasias, relações objetais e mecanismos de defesa específicos, que proporcionariam ao recém-nascido a possibilidade de sustentar-se psiquicamente.




Now in the view of the present writers, this 'mental expression' of instinct is unconscious phantasy. Phantasy is (in the first instance) the mental corollary, the psychic representative, of instinct. There is no impulse, no instinctual urge or response which is not experienced as unconscious phantasy⁴. (ISAACS. In: KLEIN et al., 1952, p. 83)

Ao reler o texto freudiano, Isaacs consegue conciliá-lo com as descobertas kleinianas, que concebiam a fantasia como sendo o representante mental das pulsões. Nesse sentido, as pulsões advindas do id, seriam traduzidas pelo ego em fantasias das mais diversas ordens (de negação, perseguição, reparação, controle onipotente, etc.) e experienciadas – sempre inconscientemente – pelo sujeito. A mente do bebê é habitada por várias fantasias, muitas delas desconexas e contraditórias, que procuram exprimir da melhor forma possível necessidades pulsionais e sentimentos que ele ainda não tem condições de elaborar. Nos primórdios da vida psíquica, as fantasias recobrem todo processo mental e procuram dar concretude aos conflitos internos do infante. Ainda mais, é a partir delas que o pensamento lógico se estrutura, num momento posterior do desenvolvimento, quando o teste da realidade se efetua. De fato, as fantasias inconscientes encontram-se no núcleo de toda forma superior de pensamento, conforme apontado por Segal – outra importante discípula de Klein – quando afirma “o pensamento não apenas contrasta com a fantasia, mas nela se baseia e dela deriva” (SEGAL, 1975, p. 34).

Daí a importância que o conceito de fantasia detém no pensamento kleiniano, uma vez que tanto a nossa relação com o mundo externo e material quanto com o mundo interno ou psíquico acontece através das lentes da experiência fantasmática e é profundamente influenciado por esta. De maneira recíproca, a fantasia também se vê influenciada pelo ambiente externo, que é “incorporado e experimentado” (Ibid., p. 25) para formar imagens objetais que se relacionam entre si e com o sujeito. Essas imagens objetais são calcadas em cima do primeiro objeto de satisfação e/ou frustração do bebê – o seio materno.

A partir do contato com o seio da sua mãe (ou substituto), o bebê irá construir duas imagens inconscientes que serão prototípicas para formações vindouras: um ‘seio-

⁴ Agora, segundo a linha de pensamento dos autores presentes, esta ‘expressão mental’ da pulsão, seria a fantasia inconsciente. A fantasia é (na primeira instância) o corolário mental, a representação psíquica das pulsões. Não existe pulsão, necessidade pulsional nem resposta que não seja experienciada como fantasia inconsciente. (Tradução própria)



bom’ ou idealizado e um ‘seio-mau’ ou persecutório. O primeiro condensará todas as experiências boas e de gratificação do contato entre o ego rudimentar e a realidade, ofertada pelos cuidados da mãe, enquanto o segundo condensará as experiências más ou frustradoras. Essa dinâmica norteará toda a vida psíquica do sujeito que, como veremos adiante, não se limita apenas à primeira infância, e, de fato, continua ativa na vida adulta.


Das relações entre angústia e fantasia

A angústia sempre foi tema central e eixo organizador nos estudos de Melanie Klein. Rastreamos esse afeto até os primórdios da vida psíquica, ela separa dois tipos específicos e os enquadra em duas *posições*⁵. A primeira posição, chamada esquizo-paranóide, comporta uma angústia sentida primordialmente como persecutória, aniquiladora e devoradora. Aqui, o mundo interno do infante assume feições aterrorizantes, já que o ego se encontra bastante fragilizado e a influência das pulsões tanáticas é mais intensa.

Para suportar minimamente essas angústias esmagadoras, o ego se servirá de alguns mecanismos de defesa. Diante da angústia esquizoide de aniquilação, a principal defesa do ego é a clivagem (*splitting*) – uma espécie de divisão quase maniqueísta do mundo em partes totalmente ‘boas’ e ‘más’. Essa clivagem, conforme comentado acima, será efetuada a partir da relação do bebê com o seio materno formando, por um lado, o núcleo das experiências boas, dos sentimentos de amor e de gratidão, o seio-bom e, por outro, o seio-mau, núcleo das experiências frustradoras, do medo e da agressividade. Além da clivagem, o ego também recorre aos processos de introjeção e projeção, mediante os quais poderá se afastar do objeto mau e resguardar o objeto bom, ou então projetar para fora o objeto bom a fim de neutralizar perigos externos.

Essas defesas proporcionam ao ego meios de suportar o medo de aniquilamento, que é característico da posição esquizo-paranóide, contribuindo, assim, para a maior integração e o fortalecimento deste. Tudo isso é de extrema importância para que a

⁵ Falar em “posições” e não em “fases” ou “etapas” assume uma importância especial, uma vez que esse termo coloca em cena o caráter situacional do pensamento kleiniano. Mesmo existindo uma ordem cronológica entre as posições - num primeiro momento nos encontramos na posição esquizo-paranóide para só depois adentrarmos na depressiva - a vida psíquica como um todo é marcada pela oscilação entre ambas.




posição seja elaborada, permitindo que o sujeito adentre na próxima posição. Porém, também são necessárias outras condições, como Segal bem destaca:

Quando há predominância de experiências boas sobre experiências más, o ego adquire crença na prevalência do objeto ideal sobre os objetos persecutórios, bem como na predominância de seu próprio instinto de vida sobre seu próprio instinto de morte. Essas duas crenças, na bondade do objeto e na bondade do eu (*self*), caminham juntas [...] o ego se identifica repetidamente com o objeto ideal, adquirindo desse modo maior força e maior capacidade para enfrentar ansiedades, sem recorrer a mecanismos de defesa violentos. (Ibid., p. 48 - 49)

A elaboração da posição esquizo-paranóide acarreta algumas mudanças na estrutura do ego e na sua relação com os objetos. Todo o amor e ódio que haviam sido mantidos à parte na relação anterior com objetos ‘parciais’ serão unificados numa imago única. A esse processo Klein deu o nome de posição depressiva. A maior integração e organização do ego permite ao sujeito diminuir a distância que existia entre o objeto mau e o objeto bom, até que eles se fusionam (porém, nunca totalmente) e passam a ser percebidos como um só objeto – que às vezes pode ser bom e às vezes mau, que pode ser amado num momento e/ou odiado num outro.

A partir do momento em que o sujeito se relaciona com um objeto total, ele compreende que os ataques dirigidos ao objeto mau, na posição anterior, poderiam ter danificado o seu objeto bom. Por conseguinte, o objeto total da posição depressiva será percebido como estragado ou moribundo, o que, por sua vez, acarretará no surgimento da angústia específica desta nova posição: o sentimento de culpa. Essa nova angústia exige do ego outras fantasias e mecanismos de defesa, de caráter mais reparador. Não que as defesas paranoides sejam abandonadas ao todo, elas apenas assumem feições diferentes e passam a um segundo plano. A clivagem, por exemplo, não se dará mais em termos de um objeto ‘bom’ e outro ‘mau’, mas em um objeto total ‘destruído’ e outro ‘íntegro’, o que permitirá ao ego suportar ou até negar sua angústia depressiva.

É imprescindível atingir a posição depressiva para o desenvolvimento sadio do ego. Uma vez alcançada, os impulsos integradores se sobrepõem aos destrutivos e o mundo interno do infante se estrutura, alcançando níveis mais complexos de organização. O ego encontra-se mais integrado e consegue estabelecer uma relação mais estável com a realidade. O sujeito passa a se perceber separado dos seus objetos e a




reconhecer a sua própria ambivalência. Tudo isso implica num amadurecimento significativo da personalidade, uma vez que o ego não precisa mais recorrer a defesas regressivas que favorecem sua fragmentação. Porém, como advertimos antes, a oscilação entre as posições é a norma. A nossa relação com o mundo real será sempre marcada pelo tipo de angústia que predomine num momento dado e, por conseguinte, pelos mecanismos de defesa acionados, sempre em fantasia, para dar sentido e suportar a realidade.

A escrita onírica do desejo

O romance de estreia do escritor paraibano Marcos Lacerda, *Um Estranho em Mim* (2008), narra os conflitos de Eduardo, bem-sucedido médico de meia idade, na sua longa travessia até a auto-aceitação. Sua história chega a nós através de uma série de cartas que o mesmo escrevera para Guilherme, seu meio-irmão. Nessas cartas, Eduardo faz um relato da sua vida, desde os tenros anos da infância na periferia de Salvador, até os conturbados dias que precederam sua morte, a fim de apresentar-se a Guilherme, uma vez que nunca se conheceram pessoalmente.

Nossa discussão, fundamentada nos constructos teóricos da psicanálise kleiniana, conforme apresentados acima, procura elucidar os mecanismos de defesa subjacentes a um pesadelo que atormentara Eduardo durante toda sua infância. Para os propósitos do nosso estudo, interessa-nos, especialmente, o período que ele passou na casa dos avós, juntamente com sua mãe e a irmã desta, tia Piedade, que, nas palavras do protagonista, “era o inverso do nome” (LACERDA, 2008, p. 28). Eduardo cresceu num ambiente extremamente hostil, dominado pela sua avó e tia, que perpetravam severos maus tratos contra ele e sua mãe. Ao lembrar daquele tempo, ele desenha um quadro pautado na violência:

Vovó e tia Piedade não se davam bem com mamãe, e, no meio daquela guerra de mulheres, eu me sentia perdido. Massacrado mesmo. Às vezes, jogado de uma para a outra, em algumas cenas notáveis. Qualquer pretexto era motivo justo para que minha vó nos tratasse como cães da casa e como se ela tudo pagasse; mamãe respondia com violência; tia Piedade se interpunha, avançando com todo seu ódio contra nós. Eu, só, calado, aprendendo a defender-me. (Ibid., p. 27)




É muito claro o desamparo que acometia Eduardo ao descrever essa época da sua vida. Sentia-se perdido e massacrado em meio a uma “guerra de mulheres” que ele não tinha condições de compreender. A relação com sua mãe, marcada por sucessivas ausências e descuidos, só acentuava esses sentimentos. Ela saía para trabalhar e, muitas vezes, não voltava a casa por vários dias. Nessas ocasiões, deixava Eduardo aos cuidados de tia Piedade, que o atormentava com ameaças e castigos cruéis. As poucas interações que Eduardo tinha com sua mãe aconteciam quando ela chegava do bordel onde trabalhava. Cansada e com aparência abatida, era sempre recebida com insultos por parte da avó e de tia Piedade, que a condenavam pelo seu estilo de vida ‘pecaminoso’. Esses embates intermináveis deixavam-na num estado de ânimo constantemente deprimido, que afetava sobremaneira sua relação com Eduardo, quem, por sua vez, via-se desabar em desespero.

Como procuramos demonstrar acima, a relação entre o ambiente externo, em que o sujeito se encontra inserido, e as fantasias inconscientes é de uma estreita influência mútua. Assim, a dinâmica familiar de Eduardo, extremamente falha e destruturante, ajuda-nos a lançar luz sobre os mecanismos de defesa subjacentes num pesadelo que ele relata ter sido recorrente naquela época:

Num deles, tão frequente, via-me corpo esquelético e com a pele coberta por feridas purulentas, ser jogado aos urubus - que, à procura de carne macia para devorar, arrancavam meus testículos e meu pênis: aflito, desesperado e já quase cego pelo horror da mutilação, via seus bicos diabólicos se metamorfosearem no doce semblante de minha mãe, sorrindo a me olhar... (Ibid., p. 29)

Num primeiro momento do pesadelo, somos apresentados à imagem que Eduardo recriou de si mesmo. Uma imagem implacavelmente danificada e fúnebre, na qual seu corpo é desenhado como “esquelético e com a pele coberta por feridas purulentas”. Poderíamos interpretar que essa representação atrofiada se dá em consequência de uma identificação de Eduardo com sua mãe. Ainda que as interações entre eles tenham sido escassas e marcadas por uma carência afetiva, essa relação era a única referência de amor que Eduardo conhecia. Em decorrência dessa relação defeituosa, tão marcada pela ausência e desafeto, ele recria uma ‘mãe morta’ com a qual, em fantasia, se identifica. Longe de ajudá-lo a comportar suas angústias, essa identificação, extremamente destruturante, fragiliza ainda mais o ego que sucumbe ao desespero.




O pesadelo também reflete o desamparo de Eduardo, a quem lhe era negado o seu lugar de criança. Envoltos nas intermináveis alterações de sua avó e tia contra sua mãe, Eduardo sentia-se perdido, abandonado à sua própria sorte. Esse abandono constitui uma violência mortífera para ele, que ainda não tinha condições de suportar os conflitos internos que o atormentavam. Acometido por uma angústia de feições persecutórias, Eduardo regride a um estado muito primitivo e seu mundo interno reflete esses tormentos. Em fantasia, seu sofrimento será traduzido nas figuras dos urubus, imagens terríficas que ameaçam aniquilá-lo. Sempre que chegava a este momento do pesadelo, Eduardo acordava e, aos prantos, clamava por alguém que o socorresse:

Em desespero e asfixiado pelo vazio do socorro que não aparecia, mordida meus braços com toda a força que ainda me restava, e a dor, não sei por qual razão, acalmava-me. Depois, sentindo o braço latejar, eu afrouxava a mordida e imaginava na figura do meu pai desconhecido um homem bom, que estaria à minha procura. (Ibid., p. 29 - 30)

Aqui, constatamos que o caráter corpóreo das fantasias se manifesta intensamente. Numa confusão entre o mundo interno e externo, entre realidade psíquica e material, Eduardo recorre à dor para aplacar suas angústias. Assim, através da mordida, estaria dirigindo seus instintos agressivos contra objetos internos persecutórios – objetos aos quais ele, inconscientemente, atribui seu sofrimento. Além disso, Eduardo também recorre a uma fantasia de caráter maníaco, sustentada numa idealização onipotente do pai, que ele nunca conheceu. Ele extirpa e afasta dessa figura paterna toda qualidade negativa e, ao mesmo tempo, atribui-lhe virtudes rarefeitas. Cria, desta forma, um objeto ideal capaz de ampará-lo na sua dor e de contornar, minimamente, o vazio que o assolava, uma vez que não detinha na sua família alguém que lhe servisse de continente.

Considerações Finais

Durante nossa discussão, procuramos elencar alguns conceitos chave da psicanálise kleiniana para melhor compreender os embates psíquicos que o personagem enfrentava. Constatamos, por exemplo, a estreita relação entre o ambiente externo em que o sujeito se encontra inserido e suas fantasias inconscientes. Se é através das lentes da fantasia que experienciamos o mundo real, ao mesmo tempo, o mundo real e a



maneira na qual nos posicionamos nele também vão moldar nosso mundo interno – reflexo direto das nossas querelas psíquicas.

Toda a infância de Eduardo foi marcada pelo abandono simbólico de sua mãe e pelo consequente desamparo que o assolava. Assim, incapacitado de sustentar suas angústias inconscientes, recorre a mecanismos de defesa muito regressivos e seu mundo interno, povoado por imagos persecutórias assume feições terrificantes. Podemos atestar isso quando ele relata um pesadelo recorrente no qual via-se, de corpo esquelético, ser mutilado por enormes urubus. Através desse pesadelo, o pequeno Eduardo estaria traduzindo um sofrimento que ele ainda não tinha condições de significar e posteriormente elaborar. Imerso num ambiente extremamente hostil e sem nenhuma figura paterna ou materna que o acolhesse, Eduardo desaba numa solidão desesperadora.

Referências

- BARANGER, Willy. *Posição e Objeto na Obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- CAPER, Robert. *Tendo Mente Própria: uma visão kleiniana do self e do objeto*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- KLEIN, Melanie. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACERDA, Marcos. *Um Estranho em Mim*. São Paulo: GLS, 2008.
- SEGAL, HANNA. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SPILLIUS, Elizabeth B. *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- OLIVEIRA, Marcella P. de. *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. In: Winnicott. São Paulo: v. 2, n. 2, p. 80 – 98, 2007.